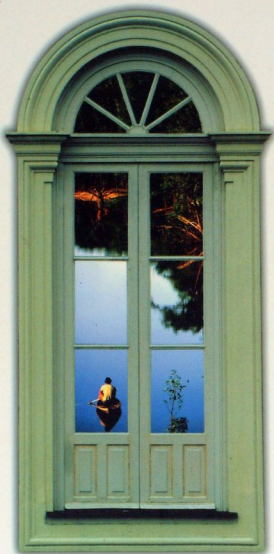
Coleção Resgate

Coordenação: Tenório Telles

Violeta Branca

Ritmos de inquieta alegria

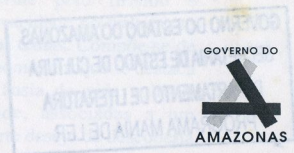
2.ª edição

Ritmos de inquieta alegria é uma obra que se define pelo lirismo e vivacidade no tratamento dos temas. Compõe-se de poemas em que se destaca a ânsia de vida e liberdade, associadas a um forte desejo de descoberta dos mistérios do mundo.

É um livro expressivo de um espírito irresignado, jovem e ousado. Violeta Branca, ao publicá-lo, em 1935, aos dezenove anos, surge para a literatura como uma poetisa promissora. O livro mereceu uma apreciação entusiasmada do saudoso intelectual Rodrigo Octavio e boa acolhida por parte da crítica.

Ritmos de inquieta alegria foi recebido com surpresa pela ousadia dos temas, particularmente por ser a autora ainda adolescente. Ao que parece foi a primeira mulher a publicar na literatura

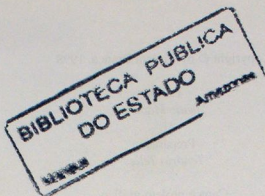
RITMOS
DE INQUIETA ALEGRIA

COLEÇÃO RESGATE
Coordenação
Tenório Telles

Governo do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Secretário de Estado da Cultura
e Estudos Amazônicos
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretários
Lindalva Maria Galdez
Max Carphentier Luiz da Costa

Co-edição

Editora Valer
Governo do Amazonas

VIOLETA BRANCA

RITMOS
DE INQUIETA ALEGRIA

Organização e estudo crítico
Tenório Telles
2.ª edição revista e aumentada

Editor
Isaac Maciel

Preparação
Tenório Telles

Capa e projeto gráfico
Álvaro Marques
(Imagem virtual produzida a partir de fotos de Leonide Principe)

Revisão
Pablo Queiroz / Miquéias Vargues
Ana Cláudia Leocádio / Deuslange Barros
Cristiane Barroncas / Marcos Sena

Ficha catalográfica
Francisca Dantas Lima
Algenir F. Suano da Silva

B816 Branca, Violeta.
Ritmos de inquieta alegria / Violeta Branca; organização e estudo crítico por Tenório Telles. 2.ª ed. rev. e aum. Manaus: Editora Valer, 1998.
(Série: Coleção Resgate, 1)
117 p.
ISBN 85-86512-02-8
1. Literatura Amazonense. I. Branca, Violeta. II. Telles, Tenório, org. III Título.

CDU: 82.1(811.3)

1998

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus - AM
Fone: (092) 633-6565

SUMÁRIO

VIOLETA, AINDA QUE TARDE

Marcos-Frederico Krüger*

Lembro-me de que, em meados de 1994, numa rua do centro do Rio de Janeiro, eu olhava, sem prestar muita atenção, livros usados postos à venda e expostos ao sol, em plena rua. Ali estavam eles, animais domésticos abandonados, cães e gatos à espera de que um coração piedoso os reconduzisse ao calor da estante e lhes proporcionasse o carinho da leitura.

Súbito, o olhar distraído que lhes dirigia tornou-se vigilante e cético. Despretensioso, sem a capa colorida dos livros mais recentes, ali estava o *Rythmos de inquieta alegria* – assim mesmo, com y e th, para lhe aumentar o mistério. Trajava simples roupa branca, tornada amarela, após quase sessenta anos de uso, pelas bocas sôfregas dos cupins do Tempo. As estampas também eram discretas: traços indicativos de frágil embarcação à vela e uma gaivota em pleno vôo, mais parecendo duas sobrancelhas unidas. Outras gaivotas se delineavam – animais querendo sair dos ovos – nas letras do nome da autora: Violeta Branca.

Naquele instante, o Destino me oferecia um livro que eu sabia ser dos mais importantes da literatura no Amazonas. Atônito, procurei disfarçar meu interesse – não fosse o vendedor me explorar demasiadamente! Inútil precaução! O preço era ínfimo demais, em relação inversa ao valor do conteúdo.

Tal como a personagem de Clarice Lispector, em "Felicidade clandestina", que enfim obtivera emprestado um exemplar de As Reinações de Narizinho, assim fiquei eu com os meus Rythmos – com

o y e o th, façam favor. Diferentemente da menina do conto, eu não o tinha por algum tempo, mas em definitivo. (Estranho sentimento este, o da propriedade.)

Como era meu – só meu –, não o abri logo. Antegozava o prazer de fazê-lo, de enfim conhecer a totalidade do que só divisara em amostras grátis: alguns poemas dispersos em antologias. Agia como o avarento que, possuindo a arca de um tesouro, se recusa a abri-la, para não se sentir tentado a gastar a mais ínfima moeda de ouro e diminuir o valor da fortuna.

Um dia, resolvi escutar a música dos Rythmos – com y e th, como no tempo de Camões. Ao tentar fazê-lo, vi que várias páginas estavam unidas, quer na lateral, quer na parte superior. Significava isso que, até então, o objeto de meu culto se mantivera mudo, conservando intactos os segredos.

Verdade que nem todas as pedras do tesouro eram valiosas. Havia as que apresentavam a jaça da imaturidade e as que, por outros motivos, também não tinham o brilho da legítima poesia. Porém, alguns reflexos de puro ouro resgataram o valor que esperava: "o sol se desfez em entusiasmo dentro em mim". Basta? Se não, posso dar mais uma esmola de riqueza lírica: "eu tenho uma sensibilidade de punhal!" (Diante de tal enunciado, palavras, não mais faleis!)

Agora o livro chega às mãos de todos, democratizado, a renda afinal justamente distribuída. Sem o y e o th, a fim de que perca o ar de segredo alquímico acessível tão-somente a iniciados.

Com isso, estará desmentido o crítico Wilson Martins, que, no volume 7 da História da Inteligência Brasileira, afirmou, en passant, a respeito de uma certa Violeta Branca, que era autora de um livro esquecido. Que engano! Durante anos, décadas – mais tempo, se preciso fosse –, o tesouro foi passado de apreciador a apreciador e, em especial, guardado ciosamente por quem, sensível como os punhais, o possuía, valendo cada estante por um mosteiro medieval onde os Rythmos aguardaram uma Renascença particular.

Hoje considero que o livro desmente a mim também, que escrevi, em minha dissertação de Mestrado sobre a poesia no

Amazonas, que Violeta se enquadrava num Pré-Modernismo de cuja existência não mais tenho certeza. Admiti o Clube da Madrugada como modernista, sem atentar para o fato de que a poesia desse brilhante grupo, feita à semelhança da que foi praticada pela Geração de 45, era, na verdade, a negação do Modernismo. A classificação da Literatura Brasileira, que aponta os de 45 como o desdobramento terceiro dos de 22, estava completamente errada! E eu também o estava!

Pois que seja. Atualmente, tendo revisto a equívoca posição anterior, passei a considerar os fatos em perspectiva diversa. Já que os textos do outro livro de versos livres possível de enquadrar no que outrora chamei de Pré-Modernismo, os *Poemas amazônicos*, de Pereira da Silva, são uma realização estética inferior, uma prosa que, amontoada em linhas a fim de ganhar similitude de poesia, tornou-se moeda liricamente falsa, admito Violeta como a principal, talvez a única, representante modernista no Amazonas.

E enquanto os poemas dos Ritmos circulam de mão em mão – notas de real finalmente acessíveis ao povo –, imagino que, tal como o pôr-do-sol, que não termina antes de oferecer todo o vário matiz de que dispõe, também a fase pré-Madrugada não se extinguiria sem que se pudesse exclamar, reconhecendo: ainda que tarde, Violeta.

* **Marcos-Frederico Krüger** é Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-RJ e Coordenador do curso de pós-graduação em Letras da Universidade do Amazonas.

EVOCAÇÕES LÍRICAS E TRANSIÇÃO MODERNISTA EM VIOLETA BRANCA

Tenório Telles*

I

O novo, seja encarado do ponto de vista artístico ou histórico, não é um fenômeno alheio ao passado, imune às determinações do tempo e da realidade cultural e social da qual emergiu. Embora represente a superação de velhas formas e conceitos, herda certas referências e signos do passado.

A literatura é uma afirmação desse traço de continuidade que perpassa as manifestações culturais produzidas pelo ser humano. As obras literárias resultam do diálogo do escritor com o seu tempo, mediatizado pelo falar com autores e obras emblemáticas da tradição. Evidencia-se, assim, o caráter antropofágico da arte, em que o novo nasce, ao mesmo tempo, da devoração e negação do passado.

Outro aspecto a ser considerado é a assimetria das manifestações literárias. Determinadas por fatores históricos, econômicos, culturais, sociais e até geográficos, algumas sociedades são pioneiras em termos de renovações estéticas. Nos dias de hoje, devido às modernas tecnologias de comunicação, a disseminação do conhecimento tenderá a ocorrer de forma simultânea.

II

O estudo das manifestações literárias, no Amazonas, deixa evidente o descompasso entre a produção regional e os novos conceitos artísticos que se afirmavam nos grandes centros culturais do país. O novo sempre teve, na literatura amazonense, um caráter tardio.

Foi assim, no século passado, com o romantismo, o parnasianismo e o simbolismo, repetindo-se igualmente, neste século, com o modernismo, cujo marco, em termos nacionais, é a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922.

Dominada por uma mentalidade de forte componente acadêmico, a literatura que se produz no Amazonas só foi experimentar uma reação organizada, com princípios e objetivos estéticos definidos, com o movimento geracional representado pelo Clube da Madrugada, não mais sob a influência do modernismo de 22, mas sob o signo da geração espiritual da poesia brasileira e da "Geração de 45", em especial da produção poética de João Cabral de Melo Neto.

O que tivemos antes foi um período marcado pela ambigüidade, com predomínio do ideário passadista, destacando-se, como antecipadoras de uma dicção poética modernizadora, as vozes dissonantes de Pereira da Silva e Violeta Branca. Não havia, entretanto, um sentido de grupo, com um propósito estético claro. Suas obras se afirmavam como manifestações isoladas do que se denominava "arte nova". Se faltou-lhes uma profunda compreensão do espírito moderno e alguma disposição para enfrentar o passado, não escaparam-lhes a percepção do novo e da realidade.

A poesia de Violeta Branca é evocativa desse estado de latência, de inquietude diante das velhas fórmulas e conceitos, do sufocamento dos sentidos e da atmosfera de emparedamento vivida no ambiente inóspito da província. Seus versos são marcados pela ânsia de liberdade, de fascínio pelo infinito e pelo imprevisto, na volúpia de transpor todas as distâncias! e chegar ao sonho de perfeição:

Trago em mim a inquietação:
meus olhos vivem ávidos
de paisagens novas
que dêem à minha sensibilidade
arrepios de emoção!
Trago em mim a inquietação
de uma nau, que se afasta. . .
A inquietação de uma réstia de sol,
que se desenha nos caminhos. . .
O que me rodeia,
já não me encanta!
Tenho a inquietação de um pássaro entontecido
dançando no azul
das águas que escorrem pelas pedras dos rochedos
na vertigem louca de se atirarem
ao precipício misterioso. . .
Tenho a inquietação
de desvendar o desconhecido,
pelo prazer de sentir a sensação do imprevisto.

Cheguei muito tarde à hora maior.
O vento do mar meu barco atrasou.
Não vi a manhã vestida de orvalho,
a rosa de neve que o sol transformou
em gota de luz.
Não fui às vindimas, perdi as searas.
Corais e sargaços encalharam meu barco.
Não vi o perdão, o beijo de amor,
as fontes de ouro, as estrelas fugindo,
o pássaro azul de canto mais lindo,
havia morrido num espinho de flor.
O vento da noite as velas rasgou,
meu barco ficou no meio do mar.
(. . .)

Fiquei sem destino na praia vazia
depois que passou a hora maior.
Talvez se as ondas empurrassem meu barco,
os corais e sargaços abrissem caminhos,
o vento da noite fosse manso e amigo
e eu tivesse chegado no início da hora
(...)

(INQUIETAÇÃO)

A existência é uma travessia pela qual não se passa impunemente. Os destinos se cumprem, deixando nas almas as marcas do tempo e das batalhas perdidas, e na boca o travo amargo de sonhos e esperanças frustradas. A vida são caminhos que se perdem no silêncio e na distância. Percorrê-los, é perder-se. O poema "Depois da Viagem", de *Reencontro*, é uma evidência dessa trajetória de dores e cansaços, em que o eu lírico confidencia as perdas e a melancolia de seu cantar:

Depois da exaustiva viagem
sem calmaria e repouso,
voltei de improviso à miragem
do desejo que não ouso
expressar nos meus poemas.
Venho de longe exaurida
por tantos mares usados,
por tantas noites abertas
em lutas de morte ou vida,
por tantas praias desertas,
por tantos nomes perdidos
no fragor dos temporais,
por tantas mãos me agarrando,
por tantos gritos e ais.
Estou cansada...

III

Reencontro não representou nenhuma novidade na produção literária de Violeta Branca. O livro é a afirmação de uma forte sensibilidade poética que não se realizou plenamente; a retomada de um diálogo interrompido após a publicação de *Ritmos de inquieta alegria*.

A estréia de Violeta Branca teve como contexto os anos 30, período que testemunhou o surgimento de uma das mais frutíferas gerações da poesia brasileira, representada pelo talento de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles e Vinicius de Moraes.

A poesia de 30, embora apresente como traços recorrentes a preocupação com o sentido da existência humana, com a condição do homem, sua relação tensiva com a realidade, enfim, com o "estar-no-mundo", define-se pela diversidade temática. Os poetas seguiram caminhos diferentes, que vão da reflexão filosófica-existencialista ao espiritualismo, da preocupação social e política ao regionalismo, da metalinguagem ao sensualismo.

A produção poética de Violeta Branca manifesta certos traços da poesia de 30, como o regionalismo, expressivo de sua identificação com a terra, com o universo amazônico, suas lendas e mistérios:

Eu quisera ter os braços muito longos,
mais longos que as palmeiras esguias destas zonas,
maiores que as cobras grandes,
maiores, até, que os rios
que retalham o Amazonas. . .
E assim abraçar e apertar

contra o meu peito,
toda inteira, a minha terra,
e guardar para mim, só para mim,
a poesia das lendas que ela encerra. . .

(Dois "tankas" de minha terra)

IV

Outro traço que perpassa a poesia de Violeta Branca é o sensualismo. Seus versos são vibrantes, plasmados por forte ânsia feminina e seus desejos. A recorrência a essa temática é ilustrativa de sua ousadia para a época, como se depreende da leitura do "Poema das tuas mãos":

As tuas mãos nervosas, quentes, largas,
arpejam nos meus sentidos
a música ideal da emoção.

Para os teus dedos criadores,
sou o piano mágico vibrando
ao influxo de tua ardente inquietação.

Tuas mãos frementes,
arrancam angústias sonorizadas
de meus nervos,
que se retesam como cordas harmoniosas.

Tuas mãos imperiosas,
tuas mãos rebeldes,
cantam silenciosas aleluias de gestos,

quando compõem poemas de volúpia,
gritos incontidos de alegria pagã,
correndo ligeiras
leves,
torturantes,
no teclado branco de meu corpo. . .

Ritmos de inquieta alegria é uma obra evocativa de uma intensa sensibilidade feminina, expressa de forma ardente e lírica. Essa intensidade poética, concebida a partir da perspectiva da mulher, nos remete ao lirismo de Cecília Meireles.

V

Surgida sob o contexto provinciano da Manaus dos anos 30, dominado por uma mentalidade passadista e decadente, a poesia de Violeta Branca representou um passo à frente, ao romper com o formalismo. A escritora realiza uma poesia de forte componente telúrico, vertida numa linguagem simples, sem se curvar ao rigor da metrificação tradicional, o que a aproxima da primeira fase do modernismo. Violeta tinha a percepção do novo:

O ritmo, que luminosamente
a minha arte embala,
é claro e alegre
como uma festa infantil.
É simples, como a fala
ingênua e despretensiosa de uma colegial
de passo leve e saltitante,
que canta, andando na calçada,

a canção da alegria matinal. . .
O ritmo livre de meus poemas
é igual às asas
que não se prendem em algemas.
(. . .)
Tem a moleza das vagas
e a magia do canto dos pássaros
modulando sonatas de amor. . .
É o ritmo-simplicidade de arte nova —
Arte-nova! Esplendor!

(Ritmo)

Seu discurso poético é fluido, despojado de qualquer pretensão acadêmica. Seus poemas, estruturados em versos livres, são líricos e prenhes de intensa musicalidade, embora seja perceptível certa oscilação no ritmo dos textos, sobretudo ao fechá-los, quebrando a tensão poética. Nota-se em sua linguagem fortes ressonâncias românticas, um tom grandiloqüente, o que contrasta com a lírica moderna, como está evidente no "Poema agreste", em que o índio é concebido de forma heróica, idealizado, como ocorria no indianismo:

Guerreiro audaz, que te enfeitas
de penas coloridas e cobras coleantes,
que andas com o corpo,
ágil como flechas
e moreno como o sol,
inteiramente nu,
pela frescura da sombra na floresta;
que puseste no olhar das onças
o fogo vivo de teus olhos selvagens;
que deixaste a tua voz se perder
[concretizada no perfume das flores escondidas,

é em ti, índio de minha terra,
na tua forma esplêndida e viril
e nos teus músculos
feitos de raízes,
fortes como as águas e os cipós,
que se encerra
toda esperança glorificadora do Brasil.

VI

Ritmos de inquieta alegria é um esboço vívido do desabrochar da sensibilidade poética de Violeta Branca, o despertar de sua sensibilidade e consciência para os mistérios do mundo e as exigências da vida. Tudo plasmado por uma atmosfera intimista, um incontido anseio de liberdade e sua busca do novo.

Sua poesia é rítmica, visual, rica em ocorrências sinestésicas. Desprende-se de seus versos uma harmonia de sons e cores que acentuam a plasticidade dos poemas. Possuem ambientação regional, tendo como pano de fundo a natureza, a floresta, o rio, o igapó. O eu lírico se projeta nesse cenário, na terra, estabelecendo com a mesma uma relação de profunda identificação, evidenciando-lhe o panteísmo que perpassa-lhe a obra:

É porque nasci no Amazonas
que tenho a alegria das cachoeiras,
a minha voz
o ritmo das águas rolando sobre as pedras,
e os meus olhos
são dois muiraquitãs,
com a fosforescência dos olhos das onças. . .
E que os meus cabelos têm o reflexo do sol

na escuridão das matas,
e o perfume agreste das orquídeas. . .
que as minhas mãos sugerem gaivotas
voando pelas praias,
ou lenços brancos
dizendo adeus a quem se vai. . .
que meus versos têm a sonoridade
do canto dos pássaros
e o meu riso a suavidade das espumas. . .
(. . .)

(SÍMBOLO)

São recorrentes, em *Ritmos de inquieta alegria*, os temas e elementos alusivos à natureza: o mar, o vento, o sol, a água, o azul, como está evidente no poema "Exaltação":

Em cada fibra do meu ser,
uma energia moça palpita:
eu amo a imensidão infinita
do céu, que reflete o azul na água dos rios
nas águas do mar. . .
Sinto-me bem, sinto-me embriagar
de claridade, quando o sol me envolve toda
no seu manto de ouro incendiado,
queimando-me a carne,
aquecendo-me o sangue!
Nas praias, o meu olhar busca outras terras
e eu ansiosamente sorvo
o vento morno
que impulsiona as velas
brancas e sonhadoras, como a alma dos poetas;
(. . .)

VII

O livro estrutura-se tematicamente tendo como argumento o itinerário existencial do eu poético: descreve, no poema "Minha lenda", que abre a obra, sua iniciação mágica ao receber a "glória suprema" de Tupã — "Ser Iara", e sua queda ao enamorar-se por um marujo incauto. A figura do marinheiro, objeto de seu amor, será recorrente em *Ritmos de inquieta alegria*.

Embora a obra não possua um rígido vínculo temático, percebe-se uma certa continuidade no processo de estruturação dos poemas, retratando as ânsias e inquietudes da poeta, seu despertar para a vida, a descoberta do amor (materializado no marinheiro), seu encanto e suas dores *(Pensar em ti a todo instante, / é morrer nas punhaladas da tortura)*. Culminando na separação e perda da pessoa amada.

Ritmos de inquieta alegria é um livro sobre o encantamento amoroso, daí o tom nostálgico, simbolizado pelo marinheiro e seu amor ausente, construído sob o véu do silêncio e o vazio das distâncias. O mar traz o marinheiro e o levará para longe, para terras distantes, que se perdem nos olhos do tempo, deixando no porto saudades, e levando na alma recordações que talvez sejam tragadas pela grandeza infinita do oceano:

Amanhã voltarás para o mar. . .
Teu destino é o mar. . .
Na deslumbrante exaltação das ondas verdes,
tua vida,
— luminoso poema de mocidade e de sol —
tornar-se-á linda como uma alvorada rosicler.

Amanhã voltarás para o mar. . .
E na inquieta convivência das vagas

depressa olvidarás meu vulto de mulher.
Serei vela perdida
na grandeza infinita do oceano.
Serei a emoção esquecida
de um porto, que ficou em névoas, na distância. . .

Amanhã voltarás para o mar. . .
Enquanto eu ficarei numa tristeza longa, dolorosa,
(. . .)

(NOSTALGIA DO MAR)

O eu poético vive a dor da separação, mas como é grande seu amor, maior que a distância, o silêncio e o oceano, velará em seu ser o destino solitário do marinheiro e sua luta para domar o furor contínuo das águas. E quando o vazio e a saudade o ameaçarem com seus dedos frios, então:

(. . .) sentirás que te acompanha sempre,
sempre
um perfume sutil de violeta branca. . .

*

Uma das marcas que melhor definem a poesia de Violeta Branca é a vitalidade, expressa numa ânsia desmedida de revelação da vida, de seu existir-no-mundo. Seus versos são perpassados por intensa musicalidade e lirismo, vertidos numa linguagem despojada, plasmada por forte carga de sensualidade. A poeta teve a intuição do novo, do seu momento e, descontando-se a juventude e imaturidade, ousou traduzi-los poeticamente.

* **Tenório Telles** é poeta, ensaísta e professor de Literatura Brasileira, autor do CD-ROM *O Amazonas em sua literatura* (1996) e da peça *A Derrota do Mito* (1997).

RITMOS
DE INQUIETA ALEGRIA

MINHA LENDA

À sombra de um igapó escuro e parado,
branca como as areias e as espumas,
e mais triste que um gesto de adeus,
com a forma de uma vitória-régia imensa,
desmaiada de indiferença,
eu florescia...

Tupã, uma noite,
olhou-me com os olhos de luar
e se enamorou de mim.
E, numa fala que lembrava a suavidade
do riso das águas,
correndo sobre pedras, disse:

"És triste e bela. E por isso
terás a glória suprema,
que é maior que o triunfal poema
que canta o uirapuru em voz tão clara.
Toma a pedra muiraquitã,

desce ao fundo dos rios:
vais ser Iara".

Depois. . .
Numa hora de encantamento e beleza,
com os cabelos enfeitados de aguapés
e no corpo o fascínio dos mistérios,
prendi a alma ingênua de um marujo incauto.
E o deus lendário da Amazônia,
sentindo o amor palpitar no meu canto,
voltou a me falar.
Nesse dia os seus olhos
tinham lampejos de sol
e a voz o ressoar da pororoca:

"— Não mereces mais a glória de ser Iara,
Não ficarás aqui nem um dia sequer.
Vais receber o teu castigo. . ."

. . .e transformou-me em mulher.

INQUIETAÇÃO

Trago em mim a inquietação:
meus olhos vivem ávidos
de paisagens novas
que dêem à minha sensibilidade
arrepios de emoção!
Trago em mim a inquietação
de uma nau, que se afasta. . .
A inquietação de uma réstia de sol,
que se desenha nos caminhos. . .
O que me rodeia,
já não me encanta!
Tenho a inquietação de um pássaro entontecido
dançando no azul
das águas que escorrem pelas pedras dos rochedos
na vertigem louca de se atirarem
ao precipício misterioso. . .
Tenho a inquietação
de desvendar o desconhecido,

pelo prazer de sentir a sensação do imprevisto.
Tudo o que eu avisto,
tudo que me fala,
já não embala
a inquietação que arpeja nos meus nervos a
[música estonteante
da minha mocidade febril.
Inquietação! o mar veio para mim, para o meu
[sangue. . .
Inquietação! tu me beijaste toda,
e eu sou o teu reflexo, a tua sombra,
Inquietação!

ORAÇÃO AO VENTO

Vento!
        Vento doido!
Carrega-me em teus braços invisíveis.
Leva-me pelas terras distantes,
        pelos mares revoltos,
        pelas praias desertas.
Quero aprender o teu sonho de angústia
na vertigem descompassada
da tua dança veloz.

Quero contigo rodopiar,
retorcer árvores, desfraldar bandeiras,
enfunar velas paradas
encrespar rios sossegados. . .

Vento!
Leva-me em teus braços.
O azul ilimitado da altura me fascina,
e a amplidão cheia de sol

prende a minha alma na inquietude do vôo. . .
Vento másculo!
Vento marinheiro,
leva-me pelas tuas viagens mais longas,
que eu tenho
ânsia de revelação
e volúpia de transpor todas as distâncias!

POEMA AGRESTE

Guerreiro audaz, que te enfeitas
de penas coloridas e cobras coleantes,
    que andas com o corpo,
    ágil como flechas
    e moreno como o sol,
    inteiramente nu,
pela frescura da sombra na floresta;
que puseste no olhar das onças
o fogo vivo de teus olhos selvagens;
que deixaste a tua voz se perder concretizada
    [no perfume das flores escondidas,
é em ti, índio de minha terra,
na tua forma esplêndida e viril
e nos teus músculos
feitos de raízes,
fortes como as águas e os cipós,
que se encerra
toda a esperança glorificadora do Brasil.

SONHAR

Quis ser ave,
quis ser nuvem,
quis ser vento,
quis ser folha tonta
que passasse além
da curva acinzentada da montanha.
Essa minha vontade
voluptuosa e estranha
era a atração dos astros.
Eu me sentia humilde
para alcançar as luzes do infinito.
A minha alma ia de rastos
pelas coisas terrenas.
Depois, o ritmo das coisas
me abriu o olhar. . .
E eu compreendi
nas horas serenas
que, para chegar às estrelas
me bastava
sonhar. . .

RITMO

O ritmo, que luminosamente
a minha arte embala,
é claro e alegre
como uma festa infantil.
É simples, como a fala
ingênua e despretensiosa de uma colegial,
de passo leve e saltitante,
que canta, andando na calçada,
a canção da alegria matinal. . .
O ritmo livre de meus poemas
é igual às asas
que não se prendem em algemas.
É mais fresco e jovial
que a risada estridente dos garotos
brincando em roda no quintal.
E esse ritmo
veio da mata estrelada de frutos
e do mar coroado de espumas.

Tem a moleza das vagas
e a magia do canto dos pássaros
modulando sonatas de amor. . .
É o ritmo-simplicidade de arte nova —
Arte-nova! Esplendor!
que se faz mais vivo e mais forte
dentro da música de meus poemas,
que se abrem em arco-íris de luz
e perfumes de flor. . .

EU

A exaltação universal
trago-a,
quente e vermelha,
em cada gota de meu sangue.
No meu cérebro
passam, numa rapidez inquietante
de navalhas, ferindo,
os pensamentos,
que nem todos podem pensar.
A ressurreição
da claridade delirante de todos os dias de sol
corre em algemas gritantes
pelos meus gestos expressivos.
Meus nervos,
— cobras vibrantes — enroscam-se
pela árvore branca e sonora
de meu corpo jovem
e deixam restos de sensações fortes
na selva emocional

de minha alma!
Eu tenho uma sensibilidade de punhal!
E nos meus poemas
dança, em alegorias bizarras
e movimentos novos,
toda a instintiva
e incontida
volúpia universal!

VIVE A TUA VIDA

Aproveita a tua vida
que a mocidade é primavera!
E na primavera há dança de flores,
girândolas de cores
nos reflexos das águas dos rios
que, em dolências de mulher, se espreguiçam
[nas praias.
Desde a alvorada,
até a hora sangüínea do crepúsculo,
cantam pássaros pelas florestas
em que, ao brilho das estrelas, dão festas,
de luzes azuis e verdes,
os pirilampos.
Amanhã. . .
Virá o outono. . .
Tristeza pelos campos
onde passam as folhas amarelas, batidas pelo vento,
como se fossem os lamentos
de alguém,

transformados em poemas de ouro
atrás de um sonho. . . de um bem.
Depois. . .
No inverno da tua beleza
morrerá a verde hera. . .
E, assim sendo, vive a tua mocidade,
que a mocidade é primavera!

EXALTAÇÃO

Em cada fibra do meu ser,
uma energia moça palpita:
eu amo a imensidão infinita
do céu, que reflete o azul na água dos rios
nas águas do mar. . .
Sinto-me bem, sinto-me embriagar
de claridade, quando o sol me envolve toda
no seu manto de ouro incendiado,
queimando-me a carne,
aquecendo-me o sangue!
Nas praias, o meu olhar busca outras terras
e eu ansiosamente sorvo
o vento morno
que impulsiona as velas
brancas e sonhadoras, como a alma dos poetas;
que acaricia as ondas irrequietas,
alegres como o sorriso dos convalescentes
que olham a vida a sorrir-lhes
na iluminura de uma gloriosa manhã de verão...

O vento que traz o cheiro da maresia,
o eco apagado do idioma de outras gentes
e o grito das gaivotas,
dançando ao sabor da amplidão!

Sou toda alegria,
toda exaltação!
Não compreendo a vida sem a glória de viver,
porque há uma energia moça
palpitando
em cada fibra de meu ser!

DOIS "TANKAS" DE MINHA TERRA

I

Nos poemas que ora escrevo
não há, como outrora,
a suavidade de um enlevo. . .
São ardentes, tropicais:
têm o cheiro de terra molhada
e o gosto das frutas maduras. . .

São versos saídos d'água
como a Iara
e embrenhados pelas matas escuras. . .
E sabe, você, por que eles são, agora, assim?
É que os dias estão cheios de sol,
e o sol se desfez em entusiasmo dentro em mim. . .

II

Eu quisera ter os braços muito longos,
mais longos que as palmeiras esguias destas zonas,
maiores que as cobras grandes,
maiores, até, que os rios
que retalham o Amazonas. . .
E assim abraçar e apertar
contra o meu peito,
toda inteira, a minha terra,
e guardar para mim, só para mim,
a poesia das lendas que ela encerra. . .

CANÇÃO DA VIDA

Se eu der mais um passo
encontrarei a iluminura do Encantado que procuro.
A luz da glória cegará meus olhos vivos,
e eu beberei as águas puras
da fonte milagrosa da alegria.
Banharei meu corpo
nos perfumes ativos
das resinas voluptuosamente cheirosas.
Depois, ficarei atenta,
aprendendo os cânticos das coisas paradas.
E, quando se fizer silêncio
em torno de mim,
serei eu que cantarei uma canção tumultuosa
que virá do recinto
de minha alma emotiva,
e que irá queimando o meu instinto,
a minha dor, os meus sentidos,
com a chama da alegria e do amor. . .

Todos me escutarão comovidos
cantar a canção consciente da vida,
que fugirá de minha garganta,
como uma asa doida e incontida
em busca da beleza ardente
de uma alvorada nova e colorida. . .

ORAÇÃO AO MAR

Nasci tão longe
de ti, velho mar, velho monge
vestido de verde,
que passas noite e dia
rezando, no rosário de oiro das estrelas,
a oração da Alegria. . .
Nasci tão longe de ti, Mar,
porém, tu, com a tua magnitude,
deste a tua bênção verde ao meu olhar. . .
Deste a bênção verde das tuas alegrias
à mata verde da minha terra,
verde e bonita como as esmeraldas
que fizeram o sonho de Fernão Dias. . .
Deste, Mar, a tua bênção verde
ao muiraquitã,
a pedra verde da felicidade,
de que é feito o templo encantado de Tupã;
deste, Mar, a tua bênção verde
aos lagos quietos destas zonas,

aos cabelos das iaras,
que pelas noites claras,
andam cantando nos rios enormes do Amazonas. . .

Mar, eu te amo!
amo-te, porque, uma tarde, rubro,
sob o reflexo do céu incendiado de verão,
deste a tua bênção vermelha
cheia da poesia do cântico das sereias
ao sangue quente e moço
.que corre, inflamado, em minhas veias.

INICIAÇÃO

Eu não sei quem foi que veio
com as mãos em luz
incendiar de emoção
os cipós flexíveis dos meus nervos.
Eu não sei quem foi que veio
          jogar pedras de alegria
na água dormente de minha quietação. . .
Eu não sei quem foi. . .

Mas, depois que os cipós
          de meus nervos vibrantes
abriram numa volúpia enflorada,
e a água de minha quietação
teve arrepios
          de ondas leves,
a minha vida
tem sido uma constante alvorada,
cheia de asas incontidas
e cânticos sonoros.

MUNDO NOVO

Quando eu vim, trazia os olhos cheios
de paisagens, enevoadas de luar:
e não sabia o que eram os anseios
dessa vontade incontida de viver!
Rasguei as brumas da melancolia
que me envolviam
com o punhal do meu olhar.
Apareceu-me a vida!
Na ressurreição multicor de uma alvorada,
florões de ouro
se abriam numa chuva de pedras preciosas
para a bênção policrômica do sol. . .
Na manhã próxima e sangrenta,
a alegria era o eco de todos os sons:
dos tambores, dos sinos,
dos clarins e do mar.
Tudo luz! Tudo movimento!
Nada mais da antiga poesia,
que era um sonho de amor e encantamento.

A vida agora é outra: rebrilha
na sombra e na iluminação,
como uma deslumbrante maravilha
de músculos, sangue ardente e energia.
E com o cérebro cheio de idéias claras e estranhas
canta todo o povo,
e suas vozes elevam mais alto que as montanhas
a canção do mundo novo!

SOB A LUZ DE UM "ABAT-JOUR"

Na quietude morna de minha sala,
sob a luz febril
de um "abat-jour" vermelho,
reflete-se na parede o meu perfil.
E vendo por um espelho
o recorte negro de minha cabeça
na parede incendiada,
não sei por que — tenho a impressão,
quase a certeza,
de estar olhando um camafeu antigo,
que ornou um anel no dedo fino
de um doge de Veneza. . .

PERFEIÇÃO

Como é pequena e estreita a amplidão
comparada
ao meu sonho de perfeição!
Como se torna humilde a terra,
como as coisas ficam sem voz
para exprimir
o supremo encantamento,
que vive em mim numa iluminação de sóis!

A minha ânsia se desdobra e se amplia;
os meus sentidos se elevam
numa harmoniosa confusão de desejos e de fé.
Em tudo eu vejo
um motivo e um símbolo;
mas não encontro nas coisas
a centelha viva de iluminação
que seria uma sombra colorida
estendendo sobre a vida
o meu grande sonho de perfeição. . .

POEMA DO SOL

Escrevo. . .
Não sei para quem. . . escrevo para quem quiser
compreender o marujo insatisfeito
que anda cantando na minha vida de mulher,
pedindo, de meu olhar desfeito
em luz, horizontes abertos,
mares revoltos, céus estrelados,
paisagens e desertos.
        Escrevo. . .
Quem compreenderá a vibração dos meus nervos
e a emoção com que arrasto a pena?
Ah! se a minha vida fosse serena,
sem esse desejo de libertação,
sem essa ânsia
de conhecer a perfeição,
de transpor o infinito da distância. . .
Mas a inquietação
vive dentro de meus nervos
que são feixes de sol.

E eu sou o eco longínquo
dos toques de clarins na guerra
ou do clamor dos oceanos bravios
que jamais banharão a minha terra. . .

NOTURNO

É tão triste a paisagem,
a noite é tão fria,
que se tem a impressão de que alguém,
soprando o cálamo selvagem,
toca a sonata da melancolia.
De tudo, trescala
um perfume suave
nesta noite cor de opala.
De vez em quando, um vagalume
aparece, dando a fosforescência
da sua luz esverdeada
à água parada
de um lago,
de um azul muito triste
e muito vago.
Lá pelo céu há milhares de vaga-lumes,
que são as estrelas.
Ah! é um deslumbramento vê-las,
acendendo e apagando os seus lumes.

O luar, que atravessa a folhagem
das árvores, faz no caminho
um desenho bizarro. . .
E é tão triste a paisagem!
O céu tem a mesma cor da espiral de um cigarro. . .

VITÓRIAS-RÉGIAS

As minhas mãos são vitórias-régias diminutas,
          onde o sol vem dormir
quando o céu se enche de estrelas.
E é por isso que sou branca,
mais branca do que as praias e que a lua. . .
E tenho esse desejo insaciável de luz,
          sempre luz
de tanta luz, que me obrigue a cerrar
          os olhos curiosos
que têm os mesmos fulgores das manhãs claras
sobre as águas espelhantes dos igapós
na pátria verde das iaras. . .

LUMINOSIDADE

Deve ser luminoso o meu destino!
Trago na imaginação bizarrismos de lendas
e nos gestos serenidades esquisitas. . .
Os meus pensamentos se levantam
para o infinito
como o fumo dos incensos
queimados aos pés dos deuses;
o meu corpo é jovem como as alvoradas,
que se renovam dia-a-dia;
e a minha alegria
é comunicativa como a sede no deserto imenso.
Deve ser luminoso o meu destino
porque amo, vivo e penso!
E canto as canções, que ninguém traduziu
por serem emotivas como o adeus de um lenço.
Deve ser luminoso o meu destino!
Irmã dos símbolos, sou a mocidade,
que tomou a forma de mulher,
e, na ânsia de viver,
na exaltação da glória e do sonho,
sinto a suprema ventura de antever
o luminoso mar do meu destino. . .

ALEGRIA

Que esplêndida alegria
que põe, ardendo, nos meus olhos,
a flama viva de um sol de meio-dia!

Que florescente é a alegria,
alegria deslumbrante e luminosa,
que se expande no meu grito
de fé e de entusiasmo,
e incendeia de emoção o meu desejo infinito
de viver e de sonhar!

A alegria, irmã das asas soltas
e dos ventos desenfreados,
corre pelo meu corpo
ligeira como as águas frescas. . .

Alegria! Alegria!
Rutilantes, as minhas idéias
cintilam,

e as minhas mãos
se estendem na ânsia renovada
e insatisfeita de prender a vida
que me envolve de harmonia,
para que ela seja a exaltação
na eterna alvorada
dessa vertigem de viver para a alegria!

VIDA TRIUNFADORA

Mais colorida que as manhãs veranicas,
mais perfumada que um pomar em flor
a minha mocidade
vibra,
dilata-se,
num hino triunfal de alegria e amor.

Alegria de sentir plasmada e gloriosa
em cada gesto meu
a rebeldia das águas marulhosas;
de sentir fremente, na altivez do pensamento
e no ritmo da inspiração,
a vitoriosa liberdade
dos ventos doidos, que se distanciam;
de sentir comunicar-se à minha carne
a ardência do sol
e no meu sangue cintilarem
as faúlhas do entusiasmo, da saúde e da exaltação!

Juventude animadora,
primavera-maravilha,
enches de música e beleza os meus sentidos
e nos meus membros fervilha
a tua seiva num frêmito de asas.
Eu sinto, juventude, a tua vida.
Eu vivo na glória do teu milagre. . .

ORAÇÃO

O meu sangue é o rio da vida
a correr dentro de mim.
E é neste rio vermelho da minha mocidade,
que as iaras da alegria cantam
e florescem as vitórias-régias da sensibilidade.
Este rio vermelho,
que corre pelo leito azul das minhas veias,
é tão quente
como o sol ardente,
que doira a terra onde nasci,
o Amazonas cheio de crenças
e de lendas
onde os rios são feitos de prata,
e as praias, pedaços brancos de rendas.

FESTA

A vida é uma ascensão.
É uma festa ritual,
deliciosa, para ser vivida.
Nela, todos dançam a dança emocional
das mágoas cantadas
e dos risos chorados.
(Quantas vezes, tu cantas para não chorar!
Quantas vezes, eu choro de sorrir!)

A vida é bela. E é mais bela ainda,
quando se traz na alma
a esperança do amanhã,
quando se busca, ávida e entontecida,
o encantamento da própria vida,
que se desfaz em parcelas
de emoção. . .
E ela se torna ainda mais bela e ardente e clara
quando a vejo
através de meu sangue moço e cantante
e do meu desejo de viver, oh! singelo desejo!
compreendendo a voz das coisas e do pensamento. . .

HORA COLORIDA

Estou vivendo a minha hora,
o meu momento
colorido de beleza e poesia
e de uma força estranha, que no seu movimento, se
faz mais viva,
à sombra da alegria.

Clarinadas ficam ressoando no caminho,
onde se vê a marca de meu passo,
e a minha consciência se abre, musical
numa festa, em que o meu instinto de viver
tem o bizarríssimo compasso
de uma dança
barulhenta e desigual. . .

Vivo a minha hora
inquieta,
delirante
e sonora.

Os meus pensamentos se irmanam
num só grandioso pensamento
de idealismo e de renovação!

Estou dentro do supremo momento
que se amplia na vitória e na revelação
dos cantos que respondem
aos meus gestos palpitantes
de libertação. . .

DESENCANTO

Embriagada de emoção,
ávida de mocidade, afoita e curiosa,
cantei as canções mais belas
que sabia cantar.
Mergulhei meus olhos no clarão
das estrelas
e deixei meu corpo se perder no mar.

Beijei as pedras mais lindas e perfeitas
que encontrei no meu caminho;
bebi as lágrimas mais tristes,
sempre à procura de sentir e conhecer
os mistérios e as ânsias
das coisas, que sofrem o tormento
de não poder pensar. . .
Hoje, da ânsia
que me fazia viver
do sobressalto à inconstância
que é feito? onde foi parar?

Nada me comove.
Nada me fascina.
Passam longe de mim
as inquietações.
Ah! é tudo desencanto, porque
os meus sentidos sofrem a angústia das revelações. . .

MATINAL

Abrem-se as nuvens em mãos de luz
acenando ao sol,
que estraçalha com o punhal da alvorada
o céu sangrento.
E tudo canta! Tudo brilha!
Até as pedras mortas dos caminhos
são pedaços de ouro espalhados no chão.
Há um vigor
estranhamente novo
no verdor das árvores, no cristal das águas,
na alegria do povo.
É o sol, que batiza
de poesia e de claridade
a terra lisa,
é a vida moça, que se esbanja
sem pensar no dia de amanhã.

Há uma orgia policrômica
nas asas soltas,

que não se cansam de escrever,
em volteios no ar,
palavras, que só a mocidade compreende,
quando se dissipa
no prazer de viver
e na volúpia de amar. . .

SÍMBOLO

É porque nasci no Amazonas
que tenho a alegria das cachoeiras,
a minha voz
o ritmo das águas rolando sobre as pedras,
e os meus olhos
são dois muiraquitãs,
com a fosforescência dos olhos das onças. . .
E que os meus cabelos têm o reflexo do sol
na escuridão das matas,
e o perfume agreste das orquídeas. . .
que as minhas mãos sugerem gaivotas
voando pelas praias,
ou lenços brancos
dizendo adeus a quem se vai. . .
que meus versos têm a sonoridade
do canto dos pássaros
e o meu riso a suavidade das espumas. . .
E é porque eu sou um poema humano
escrito com a água dos rios

e o sumo dos frutos silvestres
que a tua sensibilidade de homem do sul,
acostumado a lutar com o oceano,
encontrou em mim um motivo novo,
uma festa inédita
na luminosidade da tua vida. . .

MOTIVO

Desde pequena, o mar me fascinou:
os meus brinquedos todos lembravam
motivos marítimos
e tinham para mim o sabor sugestivo
das coisas reais.
Eu fazia barquinhos de papel,
e punha as velas com as fitas coloridas
que enfeitavam os meus vestidos curtos
e os meus cabelos claros.
Os meus brinquedos favoritos
eram os bonecos vestidos de marujos,
que a minha fantasia infantil
promovia a capitães-tenentes.

Depois, cresci;
e os meus olhos ficaram sempre verdes
abismados na saudade dos brinquedos,
com que eu não brinco mais.

E a minha alma tornou-se nostálgica
e ansiosa,
como a alma aventureira
dos marinheiros sentimentais. . .

Por isso, hoje, eu sou uma onda
desfeita, na canção dolente
que só tu, marujo, sabes cantar,
porque trago no sonho a paisagem esquecida
e no sentimento
o mistério do mar. . .

RITMO PAGÃO

Nas manhãs policrômicas,
em que as praias se transformam
em feiras de beleza e mocidade,
no integral esbanjamento da alegria e do sol,
como eu me sinto bem nessa orgia de liberdade!
Cada mulher é
uma onda colorida e sadia;
Cada homem,
uma demonstração de pujança e de harmonia. . .

Nessas manhãs de luz intensa,
de mar bravio,
de gente moça,
compreendo e envaidece-me a razão de tua vigilância:
queres-me e tens ciúme
do mar e do sol,
irmãos da alegria —
maravilhosa síntese da vida —
porque eles beijam meu corpo,

que tem qualquer coisa
de gaivota e de vela,
com o desvairamento do amante marinheiro,
que ama hoje,
para ter a volúpia de esquecer amanhã. . .

MARINHA

Apareci para o teu egoísmo
com a mesma alegria impressionante
de uma bandeira desfraldada,
acenando num dia claro de verão!
Ficaste envolto
no silêncio expressivo. . .
Sobre ti
abriram-se as velas brancas de minhas mãos.
Respiraste perfumes e afagos. . .
E quando senti não ser mais precisa
a mocidade audaciosa de meus braços
para reter a tua exaltação,
(tua alma aventureira tomara
asas de gaivota
rondando a praia luminosa
de minha vida invulgar)
transformei-me em onda,
para embalar no ritmo diferente
a galera inquieta e sem rumo
do teu esquisito destino de marujo.

ESPIRAL

Nervosa,
flexível
ondulante,
surgi desnuda na espiral de teu cigarro fino.

Possuí a forma imponderável do desejo. . .
Fui mais leve que a carícia perdida. . .
Fui inconstante como todo amor. . .

Enchi de fantasia o teu pensamento
e de olor o teu olfato.

Sensível,
dolorosa,
etérea,
rodopiei nos cinco círculos
luminosos
dos teus sentidos,
e equilibrei-me nos fios elásticos de teus nervos.

Branca e sutil
dancei na fumaça que te envolveu a cabeça
num grande halo perfumado,
e deixei a paisagem imaterial
da minha nudez
torturando a singular concepção
que o teu sonho cria na beleza
para a volúpia da emoção. . .

RENÚNCIA

Na ilusão de que estais perto,
estendo-te os braços,
ofereço-te a boca!
Mas é tão grande o espaço. . .
Se tu vieres pelo desejo
do meu abraço
e para a volúpia do meu beijo,
chegarás quase morto de cansaço.
Não! É melhor que não venhas,
é melhor que nunca tenhas
os meus lábios nos teus lábios,
nem os meus braços — duas serpentes brancas
envoltas no teu pescoço. . .
Não venhas!
Assim será menor o meu sofrer. . .
És forte, és moço:
Olha a vida. . .
Viver!

BARCAROLA

Mal o teu pensamento
esqueceu as últimas emoções
que gritaram em teus nervos,
os teus dedos de remo
afundaram-se ligeiros
no meu corpo de mar. . .
No côncavo moreno de tuas mãos de barco,
trouxeste do país encantado do sentimento
os veludos transparentes de tuas carícias,
para envolver em volúpia
a forma imponderável de meus sentidos.

CONFIDÊNCIA

Se eu pudesse parar na tua vida,
quantas convicções de amor
eu te daria. . .
Seria o verão luminoso,
onde haverias de colher
alegrias e luz,
com a volúpia febril de quem descobre ouro.
Seria a praia sem fim da submissão,
onde a tua vontade —
mar desvairado e rebelde —
encontraria motivos fatais
para o teu sonho de pecado e de beleza.

Se eu pudesse parar na tua vida. . .

Se eu fizesse o milagre
de absorver os teus gestos,
transfigurados reflexos de vitória,
gritaria diante do universo,

como se estivesse em frente
do símbolo musical do teu amor,
que és todo o verdadeiro ritmo do meu verso,
o ritmo ilimitado da minha ânsia de amor. . .

MIRAGEM

Sou o teu vinho doce,
o vinho puro,
que bebes para sonhar. . .
Entonteço de emoção a tua alma,
cerro de quebranto as tuas pálpebras,
amoleço de volúpia os teus gestos ligeiros.

Sou o vinho de sangue
que tu bebes
religiosamente, como um oriental,
para absorver em mim a inspiração
fina, luminosa,
como a lâmina esguia de um punhal. . .

Sou a quimera
de tua vida,
o vinho claro
que embriaga num sonho rosicler.
Sou o teu vinho suave,
fresco, entorpecente,
que tem o sugestivo sabor de mocidade
e o ardente perfume de mulher. . .

POEMA DAS TUAS MÃOS

As tuas mãos nervosas, quentes, largas,
arpejam nos meus sentidos
a música ideal da emoção.

Para os teus dedos criadores,
sou o piano mágico vibrando
ao influxo de tua ardente inquietação.

Tuas mãos frementes,
arrancam angústias sonorizadas
de meus nervos,
que se retesam como cordas harmoniosas.

Tuas mãos imperiosas,
tuas mãos rebeldes,
cantam silenciosas aleluias de gestos,
quando compõem poemas de volúpia,
gritos incontidos de alegria pagã,
correndo ligeiras,
        leves,
            torturantes,
                no teclado branco de meu corpo. . .

NÚPCIAS

Como uma flor rara e pensativa,
deixei descansar minha cabeça
sonolenta e quieta
sobre tua mão esquiva
de marujo, que tem a sensibilidade de poeta.

Ficaste mudo, mas eu compreendi
o que tua voz cantava no silêncio. . .
fui guardando na memória
motivos idealizados pelo teu sonho
para completar a magnífica história
de duas vidas,
que se confundiram na harmoniosa vitória
de uma só!

EXALTAÇÃO PANTEÍSTICA

Estendo os braços para o mar
— glória maior do movimento —
e levanto os olhos para o sol,
suprema síntese da luz!

Diante do mar e do sol,
desdobram-se no meu pensamento
interrogações, que só têm resposta
na livre harmonia da beleza
e no ritmo perfeito da poesia.

Diante do sol e do mar,
a Vida canta!
A Vida descortina
toda a luz, toda a inquietação,
que é a música iluminada
das coisas
a infiltrar-se no meu ser.

Mirando o sol,
abraçando o mar,
integrada na expressão de deslumbramento
que deles emanam,
sinto, na alegria da minha inspiração,
a resposta viva e real
às interrogações
que se formaram no meu pensamento,
na minha ansiedade. . .

PROFECIA

Muitas mulheres apaixonadas
na tua vida hão de passar.
Loiras, morenas,
alegres como o clarear das madrugadas,
lindas como lírios abertos ao luar.
Outras tristes e serenas. . .
Elas, porém, não deixarão na tua vida
esta impressão viva de felicidade
que eu deixarei,
porque nenhuma
terá, como eu tenho,
sangue de sol
e alma de bruma!

EVOCAÇÃO

Quando ele voltar, não mais verá
lágrimas nos meus olhos,
nem sentirá mais em mim
o perfume evocativo
das violetas murchas.
Quando ele voltar,
meus olhos serão dois rasgões de luar,
e o meu perfume o do trigo maduro
e das uvas machucadas
à pressão de dedos, que acariciaram rosas.
E, assim, quando ele me olhar,
a luz dos meus olhos
cerrará os seus olhos claros e tristonhos
e, aspirando o meu perfume,
terá a ilusão de um vinho capitoso
que se bebe pelos sonhos. . .
E, ao beijar a minha boca,
sentirá que ela se aqueceu,
e compreenderá, de alma embevecida,
que eu sou o pão eucarístico da vida
que Deus lhe deu. . .

IDÍLIO

Beija-me aqui diante do mar:
teu beijo será
forte, sadio,
e teus braços não terão maldades.

O sortilégio dos ambientes falsos
de meia-luz,
de rosas frescas,
de sedas moles,
corromperia a pureza deste momento único.

Diante do mar,
a beleza está nua,
a verdade está nua,
o amor também deve despir-se do preconceito
e gritar, luminoso e realista,
na triunfal clarinada do teu beijo.

OFERENDA

Quero ficar na tua vida
como uma flor original e sugestiva
sobre as águas de ouro de um lago quieto.
Quero dar-te a emocional revelação
da beleza maravilhosamente viva,
do perfume secreto
das minhas formas de flor e de mulher.

Quero decorar a tua vida
de luz, de sonho, de harmonia e perfeição.

Na tua vida,
quero ficar inesquecida
como um grande beijo,
como uma deslumbrante flor de inspiração
aberta ao sabor da volúpia do teu beijo. . .

A VELA QUE PASSOU

Singrando o mar,
uma vela
passou na noite triste. . .
Alguém, dentro dela,
ia cantando sob o luar
a mesma canção, que cantei
quando partiste.
Quem cantava, não sei. . .
A vela passou na noite quieta. . .
Serias tu, marinheiro-poeta,
que ias cantando assim,
acordando a tristeza dentro de mim?

Pelo mar agitado a vela passou. . .
Tenho os olhos molhados
de quem chorou. . .

VERTIGEM

Não te embriagará o beijo quente
que a minha boca cristalizará na tua boca rubra? não te
perturbará o perfume
                morno e singular
                        de campo verde
e terra molhada
que tem meu corpo,
que é uma espada feita de luar?

Responde!
                Tu, que és a minha mocidade
                        e alegria,
não sentirás vertigem ao compreender,
que sou toda harmonia
de nervos e de vibração?

Enche dos beijos da tua boca enrubescida
a concha rósea da minha mão.

Fecha os olhos para a beleza
vulgar do mundo,
e sente que eu sou um motivo radioso
jogado à tua vida,
abrindo iluminações à tua inspiração. . .

POEMA PARA OS OLHOS DE UM MARUJO

Fechei os olhos
para ver os teus olhos.
Eles estavam numa cor desmaiada
de sombra refletida na água.
Davam a serena impressão
de que a tristeza toda do universo
estivesse recitando dentro deles,
num ritmo
de vela que se desdobra num adeus,
um verso
maravilhosamente sonoro e marítimo. . .

Chorei apiedada vendo a tua vida
amortecendo nos teus olhos de mar.

E, quando o teu olhar de onda se ia ao longe quebrar
no recife do tédio e da saudade,
o vigoroso braço
do meu pensamento tomou-o, maternal,

e, embalando-o ao compasso
de uma esperança, que vem do meu desejo
e de um desejo, que vem da tua dor,
adormeceu-o à música de um beijo,
que não foi dado
para ser espuma na maré do amor. . .

DESCOBRIMENTO

Adivinhaste que só eu poderia trazer
para a tua nostalgia de marujo
uma alegria nova
igual à que sentirias
se descobrisses uma terra virgem. . .

A harmonia deu-me a tua juventude.

A minha feminilidade tatuou
o meu nome na tua memória.

Por onde quer que te vás,
pelas viagens mais longas,
estarei sempre unida inteiramente
ao pensamento de tua carne.

Levarás por todas as distâncias
o meu sabor de terra virgem. . .

ASPIRAÇÃO

Eu quisera que meu corpo fosse feito de flores. . .

Que minha carne tivesse
o reflexo de rosas claras ao clarão do luar.
E assim,
quando chegasses para o calor de meu beijo,
aspirarias no meu hálito o fresco perfume
de um jardim florido.
Eu quisera que meu corpo fosse feito de flores. . .

Que meus cabelos tivessem a morna fragrância
das relvas tenras.

E assim,
quando cerrasses os olhos
e, sorrindo, afagasses meu corpo ardente e jovem
tuas mãos teriam
a deliciosa volúpia
de acariciarem a primavera. . .

Eu quisera que meu corpo fosse feito de flores...

E assim,
quando meus braços brancos,
como uma coroa de louros
envolvessem a tua cabeça de deus pagão,
sentirias a sensação embriagante
de seres um fauno novo
perdido numa selva de lírios.

POEMA DE AMOR MARÍTIMO

Sou uma onda
que se desfez em espumas de carícias
na praia branca
do teu amor, que é todo feito de delícias.
Sou uma vela,
que se perde esfumada no horizonte,
acenando num gesto
de saudade e confiança
ao teu amor,
que é um rochedo coberto pelo musgo
[da esperança,
e onde o mar
se quebra submisso como uma criança
ajoelhada aos pés
de uma imagem para rezar. . .
Sou uma gaivota doidivanas
a voar, a voar,
ao sabor da amplidão azul
de estranhos lampejos
e ao redor de teu amor
— barco misterioso — em que levas, meu marujo,
a pesca saborosa de meus beijos. . .

CASTÁLIA

Minha cabeça de fonte
ficou presa na terra criadora de tuas mãos.

Refrescaste a tua angústia
na água pura do meu pranto de alegria
e dormiste ao sussurro
de minhas canções sutis.

Na tua alma,
todas as harmonias estavam murchas. . .

A água doce
de meus olhos de limo refloriu-as,
dando-lhes invulgares formas radiosas,
no ritmo perfeito
de teus versos.

Bebes inspiração
na beleza de minha cabeça de fonte. . .

PASSIONAL

O teu beijo foi tão pequeno,
tão rápido, tão sereno,
que chegou bem na minha mão.
E eu, com medo que ele fugisse
como um pássaro alvoroçado,
fechei-o com emoção,
para guardá-lo por toda a vida,
bem dentro de minha mão.

E ele ficou como uma cigarra
cantando a canção bizarra
do teu amor, que é perfeito,
— para sempre harmonioso,
na palma branca de minha mão.

CLARINADA

Antigamente, eu tinha dolências de rio
e era toda crepúsculo.
Hoje, tenho volúpia de mar
e sou toda alvorada!
        Rio!
E no meu riso ressoa com esplendor
        a clarinada
emocional do meu amor!
Embriago-me com a sinfonia
do meu riso, que vem de ti,
numa rajada de luz
de um sol de meio-dia.
        Canto!

E no meu canto se escutam
as notas triunfais
de todas as baladas
feitas pelas chuvas de pedras preciosas e cristais,
no clarear das madrugadas. . .

No meu canto eu te sinto, a ti,
que para mim és ritmo,
som e cor.
Este poema é teu,
é meu,
é a clarinada emocional do nosso amor. . .

O MOMENTO ÚNICO. . .

Aproveita os meus gestos. . .
Absorve o meu perfume. . .
Escuta as minhas palavras votivas.

Amanhã, com certeza, tornarei a dizer
expressivas frases de amor,
mas serão outras as emoções
que me farão dizê-las,
outros, os gestos que as iluminarão,
outro, o perfume que de mim há de fugir.

Goza este momento único.
Esquece que amanhã ainda viverás,
e sugestiona o teu coração,
que eu passei por ele sutilmente,
com a leveza
com que o meu vestido roçou as relvas tenras do chão.

Amanhã,
não te lembres deste instante
com desalento e amargor:

Minha passagem na tua vida
deve ser igual ao rasto efêmero,
que deixa a corrida de um barco
no corpo sensível da água longa. . .

POEMA MARÍTIMO

Quisera escrever um poema
que só os marinheiros compreendessem
Em que só eles adivinhassem,
nos arabescos apressados de minhas letras,
        as formas difíceis
dos polvos, dos corais, das algas. . .
Em que só eles pressentissem, no capricho
        da minha fantasia,
a sutileza das pérolas e das espumas.
Em que só eles percebessem
as velas brancas de minha sensibilidade
abertas ao sabor de inspiração.

Eu quisera escrever um poema
que os outros homens não compreendessem.
E só os marinheiros lessem embalados,
        no oceano largo. . .

E eles teriam para mim uma oração
        porque eu os levaria a sentir
os versos que, despercebidos, eles mesmos escrevem
        na conquista do mar. . .

OBSESSÃO

Pensar em ti a todo instante,
é morrer nas punhaladas da tortura.
Tentar esquecer-te é sofrimento maior.
A tua lembrança me procura
e me persegue
até nas coisas mais triviais.
Por onde quer que eu me vá,
a minha memória leva-me onde estás.
Afasta-me da realidade.
Vejo os teus gestos
em todos os braços
e ouço a tua voz
em palavras banais.
A tua lembrança dá abraços
longos e dolorosos
na minha alma, que te busca desnorteada.

E até quando sofrerei as punhaladas da tortura
de não te esquecer?

AFRODITE

Eu não vim da terra:
meu corpo nasceu do mar. Do mar!
        A terra
não me podia dar
este insofrido desassossego íntimo...
Esta desenfreada inspiração...
Esta convulsão permanente dos meus nervos...
Esta rebeldia de gestos...
Esta eloqüência vibrante de pensamento.

Piso a terra e não sinto a sensação do movimento.
        Olho o mar
e nele me vejo desdobrada
em mil ondas sonoras e exaltadas.

Na terra há coisas imobilizadas e incompreendidas.
        No mar,
tudo é luz, inquietude, vida.

Eu não vim da terra.
Minha arte, minha sensibilidade
nasceram do mar. Do mar!

ENCANTAMENTO

Os meus poemas são as lâminas
de sentimento,
de ansiedade,
com que eu abro, uma a uma,
as páginas de sol
do livro de teu pensamento.
Em cada página, impresso em tinta de ouro,
um motivo
sugestivo
que idealizaste
para a tua sensibilidade:
E nelas todas eu vivo.
Há também figuras de mulheres lindas.
Mas a felicidade delas,
à maneira de jorros de luz,
iluminando o teu espírito,
é efêmera, transitória,
pois só eu tenho o milagre e o segredo,
que é o meu supremo encantamento,
de abrir, uma a uma,
as páginas de sol
do livro bizarro do teu pensamento. . .

VOLÚPIA

O beijo que deste no meu pulso
cobriu de angústia
a forma imaterial dos meus sentidos.
Não percebeste o latejar das veias
ao contato de teus lábios,
e nem adivinhaste
que foi o prazer que me fez silenciar. . .

Teu beijo teve a agudez
de um estilete inutilizando o meu pudor.

Não viste o sangue
que afluiu à minha boca?

Foi a volúpia falando
na eloqüência da cor.

VENDAVAL

Teu desejo de vento
torceu os galhos fortes de minha vontade.
Sou folha tonta,
no giro alucinado
do teu caprichoso amor de vento.

Num constante delírio,
rodopio,
rodopio,
rodopio,
como pétala perdida
nas tuas doidas mãos de vento. . .

Da floresta mágica do sonho,
arrancou-me a fantasia de teu pensamento.

Sou a árvore mais linda,
árvore que canta
no delicioso desnorteio

do abraço morno
dos teus febris braços de vento.

NOSTALGIA DO MAR

Amanhã voltarás para o mar. . .
Teu destino é o mar. . .
Na deslumbrante exaltação das ondas verdes,
tua vida,
— luminoso poema de mocidade e de sol —
tornar-se-á linda como uma alvorada rosicler.

Amanhã voltarás para o mar. . .
E na inquieta convivência das vagas
depressa olvidarás meu vulto de mulher.
Serei vela perdida
na grandeza infinita do oceano.
Serei a emoção esquecida
de um porto, que ficou em névoas, na distância. . .

Amanhã voltarás para o mar. . .
Enquanto eu ficarei numa tristeza longa, dolorosa,
tu, que trazes na alma altaneira
o orgulho e a boêmia do marinheiro,
partirás sorrindo.

E não terás para mim um pensamento de amor,
Tua alegria será jovial e franca.
Mas sentirás que te acompanha sempre,
sempre
um perfume sutil de violeta branca. . .

Coleção Resgate

1. Ritmos de inquieta alegria
Violeta Branca

2. Poemas amazônicos
Pereira da Silva

3. Beiradão
Álvaro Maia

4. Czardas
Jonas da Silva

5. Cantos amazônicos
Paulino de Brito

6. Os sonetos das flores
Américo Antony

7. O outro e outros contos
Benjamin Sanches

8. Alameda
Astrid Cabral

9. Poesia freqüentemente
Sebastião Norões

10. Aparição do clown
L. Ruas

11. Papéis velhos... roídos pela traça do símbolo
Maranhão Sobrinho

12. Pelo Solimões
Quintino Cunha

amazonense. O reconhecimento de seu talento precoce, abriu-lhe as portas da Academia Amazonense de Letras, em 1937.

Participou ativamente da vida cultural em Manaus, publicando seus poemas na imprensa, especialmente na revista "A Selva", dirigida pelo destacado intelectual Clóvis Barbosa. Com o casamento e sua mudança para o Rio de Janeiro, Violeta passou um longo tempo sem publicar. Passaram-se quarenta e sete anos até a publicação de seu segundo livro, *Reencontro,* em 1982.

Num tempo em que a presença da mulher na literatura amazonense era marcada pela ausência, Violeta Branca ajudou a superar preconceitos e abrir caminho para inserção de uma dicção poética feminina.

Isaac Maciel

ISBN 85-86512-02-8

Os versos de Violeta Branca são heróicos, triunfais, nervosos; a leitura deles me encantou, como encantará a quem os tome em momento de plena disposição de espírito.

Neles, na vibratilidade de seu ritmo, onde se imagina, por vezes, o enroscar das cobras na rugosidade de um tronco, sente-se a palpitação de um sentimento, que é a alma do verso.

Rodrigo Octavio

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura